

### **A sentimentalização dos zumbis na ficção seriada – ou “sobre amores pútridos e *rigor mortis*”**

Por Anderson Lopes da Silva\*

**Resumo:** O artigo discute os elementos composicionais do zumbi sentimentalizado na ficção seriada. Tais representações são debatidas em um panorama de séries e minisséries do Brasil, Estados Unidos, França, Reino Unido e Austrália. O objetivo é encontrar possíveis pontos comuns (estéticos, estilísticos e narrativos) desses personagens - em culturas e televiografias tão distintas – pelo eixo da sentimentalização. Metodologicamente, o olhar do artigo volta-se para o campo dos estudos televisivos e em *streaming*, além de se inspirar nos estudos de narratologia (pós-clássica) direcionados às séries. Finalmente, por meio de uma tipologia da sentimentalização, o artigo apresenta a temática dos relacionamentos afetivos e familiares malsucedidos, o suicídio de personagens relevantes, a ambientação narrativa em cidades pequenas e o debate sobre as culpas e angústias humanas como alguns dos pontos de interligação entre as obras.

**Palavras-chave:** Estudos Televisivos, *Zombie Studies*, serialidade, mortos-vivos, emoções.

### **La sentimentalización de los zombis en la ficción seriada – o “sobre amores putrefactos y *rigor mortis*”**

**Resumen:** El artículo analiza los elementos compositivos de una sentimentalidad del zombi en la ficción serial. Tales representaciones se discuten en un panorama de series y miniserias de Brasil, Estados Unidos, Francia, Reino Unido y Australia. El reto principal es encontrar posibles puntos comunes (estéticos, estilísticos y narrativos) de estos personajes, en diferentes culturas televisivas, a lo largo del eje del sentimentalismo. El artículo se ubica metodológicamente en el campo de los estudios televisivos y de *streaming*, además de inspirarse en estudios narrativos (postclásica) dirigidos a las series. Finalmente, por medio de una tipología de la sentimentalidad, el artículo presenta el tema de las relaciones afectivas y familiares fracasadas, el suicidio de personajes relevantes, la ambientación narrativa en las pequeñas ciudades y el debate sobre la culpa y la angustia humana como algunos de los puntos de interconexión entre las producciones.

**Palabras clave:** Estudios Televisivos, *Zombie Studies*, series, muerto vivientes, emociones.

### **The sentimentalization of zombies in serial fiction – or “around rotten loves and *rigor mortis*”**

**Abstract:** This article discusses the compositional elements that construct the sentimentalized zombie figure in TV fiction based on a variety of series and miniserias from Brazil, the United States, France, the United Kingdom, and Australia. Thus, the main objective is to find possible common points regarding the sentimentalization of characters (in aesthetic, stylistic, and narrative terms) through different television cultures. While the article is methodologically situated in the field of television and streaming studies, the research is inspired by post-classical narratological studies

focused on television. The typology of sentimentalization allows for identifying the following themes—unsuccessful affective and family relationships; suicide of relevant characters; small town settings; and the debate about human guilt and anguish—as some of the points of interconnection between these TV series and miniseries.

**Keywords:** Televisions Studies, Zombie Studies, seriality, undead, emotions.

**Fecha de recepción:** 11/06/2020

**Fecha de aceptación:** 26/03/2021

### À guisa de introdução

Falar do estudo de figuras fictícias como os zumbis<sup>1</sup> pressupõe compreender a relevância desse tipo de reflexão, no campo da comunicação social, dos estudos culturais e das humanidades em geral, a partir de trabalhos vinculados aos chamados *Zombie Studies* (Estudos de Zumbis). Esta área de pesquisa é representada, majoritariamente, por pesquisadores anglófonos como Davis (1988), Dendle (2001), McIntosh e Leverette (2008), Bishop (2010; 2015), Lauro (2015), Kee (2017), entre outros. Para se ter uma ideia da abrangência desse campo nas iniciativas de cursos e disciplinas com a temática do *Zombie Studies* nos Estados Unidos, Kyle Bishop afirma que:

Hoje, estudiosos dos zumbis não precisam mais se esconder nas sombras ou sofrerem para encontrar eufemismos que legitimem as escolhas de suas paixões acadêmicas; de fato, os “*Zombie Studies*” podem ser prontamente encontrados nos currículos acadêmicos, nas publicações acadêmicas e por toda a internet tanto nos círculos acadêmicos, quanto nos jornalísticos (Bishop, 2015: 1).

---

<sup>1</sup> Neste artigo usam-se os termos “morto-vivo”, “desmorto” e “zumbi” como sinônimos. Todavia, não se deve confundir a ideia de morto-vivo aqui discutida como ampla o suficiente para também abarcar outras manifestações fantásticas e espectrais como os fantasmas ou vampiros (ou seja, seres estes que não fazem parte do interesse da pesquisa desenvolvida neste trabalho). “Vampiros, fantasmas e zumbis estão são todos mortos-vivos, mas eles diferem entre si em muitos meios óbvios ou sutis. Todos estão em estase [em estado de impotência] com a morte — firmemente mantidos no limiar, no limbo sem vida, suspensos [...]”, afirmam Davis e Crane (2020).

Todavía, as pesquisas sobre o campo das representações dos zumbis não se restringem ao universo da língua inglesa, como também contam com representantes oriundos da academia *hispanoblante* (Gonzalo (2011), Martínez Lucena (2012), Jáuregui Ezquibela (2014), García Martínez (2016b)); lusófona (Suppia e Reis Filho (2013), Carreiro (2014), Gomes (2014), Coutinho (2016)); itálfona (Barra e Scaglioni (2015), Caputo (2017), Palano (2017)); e francófona (Saint-Gerárd (1992), Dion (2014), Perron, Dominguez Leiva e Archibald (2015), Coloumbe (2015), Souffron (2015)), para ficar em alguns exemplos. Mais do que um mero entretenimento, o que este campo de estudo transdisciplinar tem demonstrado é que existe uma necessidade latente e urgente de realocar tais figuras desmortas da cultura midiática a partir das lentes sociológicas, etnobiológicas, psicológicas, antropológicas, filosóficas e comunicacionais. Logo, o que os *Zombie Studies* propõem é não apenas compreender os processos de metaforização dos filmes, livros e séries, por exemplo, como também ampliar o horizonte de leitura e a relevância dessas obras para áreas que, em um primeiro momento, talvez nunca fossem correlacionados aos estudos dos zumbis como a Economia (Acchiardo e Vachris (2018)) e as Ciências Políticas (Castillo et al (2016)).

Tal relevância é reafirmada por Platts (2013: 548-549) quando o autor aponta que há algo “mais” nas narrativas midiáticas sobre zumbis que precisa ser compreendido neste intercâmbio entre os planos do “real” e do “ficcional” vividos pelas pessoas. Para o autor, a presença constante (e crescente) no consumo cultural destas obras presentes nas mais diversas mídias que nos rodeiam deve ser também fato de interesse acadêmico. Por isso, no caso específico desse artigo, o foco volta-se para compreender um tipo muito peculiar de representação: o “zumbi sentimentalizado” (García Martínez, 2016b). Ou seja, formas de relato que promovem, nos dizeres de Szanter e Richards (2017), um processo de romantização da figura do zumbi como alguém válido e digno da empatia e afeto alheios, como um “outro significativo” que também sente, emociona-se e vive seus amores mesmo depois da morte.

Uma figura muito além da tradicional representação do morto-vivo como o ser faminto por vísceras e cérebros e sem processo racionalizante algum.

Nesse sentido, o artigo divide a sua estrutura argumentativa em três partes: 1<sup>a</sup>) uma discussão sobre o que é e como se dá o processo de sentimentalização nas representações audiovisuais dos zumbis; 2<sup>a</sup>) a apresentação lacônica de séries e minisséries oriundas de emissoras televisivas e plataformas de *streaming* (ao redor do mundo ocidental) que apresentam os zumbis como figuras sentimentalizadas; e, por fim, 3<sup>a</sup>) a análise tipológica dos elementos composicionais que mais se fazem presentes na constituição narrativa, estilística e estética de obras que têm o zumbi sentimentalizado como o seu foco central.

### **Zumbi e sentimentalização: um morto-vivo *sui generis* no audiovisual?**

Antes propriamente de explicar quais são as características que conformam a figura do “zumbi sentimentalizado” nas ficções de televisão, faz-se necessário apresentar uma das hipóteses que sustentam sua definição e, mais do que isso, que justificam o fenômeno e sua presença nas tramas recentes. Trata-se da noção de virada afetiva ou giro emocional (*affective turn*) que, na discussão trazida por Clough e Haley (2007), diz respeito a um deslocamento do olhar social (e da pesquisa acadêmica, em específico) para a subjetividade, as emoções, os afetos, as experiências humanas, as relações, os sentimentos e a alteridade como partes preponderantes da formação do sujeito. García Martínez (2016a: 21) explica ainda que este giro afetivo dialoga muito com o conceito de “cultura emocional” presente nas séries contemporâneas como reflexo de novas estruturas sociais que passam a gerir as emoções como algo de suma importância. A concepção de cultura emocional, por sua vez, está ligada a uma atitude que envolve e faz referência à “crescente presença do discurso terapêutico e a sentimentalização em todas as esferas da vida social” e, por conseguinte, permeia as tramas ficcionais nas TVs do mundo (García

Martínez; 2016a: 13).

Na esteira desse pensamento, surge então a figura do “zumbi sentimentalizado”: “basicamente, a diferença mais notável com o zumbi tradicional, é que este zumbi (em séries como *iZombie*, *In the Flesh* ou a australiana *Glitch*) tem a capacidade de sentir” (Silva e García Martínez, 2017: 291). Em outros termos: “[...] Se o zumbi era puro instinto, faminto por comer vísceras humanas, estas séries localizam este tipo particular de zumbi em um terreno estético e moral onde eles [...] se humanizam. São empáticos. São redimíveis” (Silva e García Martínez, 2017: 291). Como destaca García Martínez (2016b), os “mortos-vivos sentimentalizados” são diferentes, por exemplo, dos pioneiros zumbis da tradição voduísta haitiana ou das representações mais popularizadas pelo cinema de George Romero, por terem uma caracterização que enfatiza a humanização, a racionalidade e a sentimentalização dos personagens. Em outras palavras, são mortos-vivos que falam e estão dotados de memória, de nostalgia e que, ao voltarem de seus túmulos, têm de lidar com a vida novamente e, inclusive, com seus problemas familiares e relacionamentos amorosos. Além disso, não necessariamente eles têm a aparência monstruosa de outros zumbis e nem sempre são retratados como figuras que se alimentam de carne humana.

Exemplos desses personagens em obras televisuais podem ser vistos em séries como *Babylon Fields* (Michael Cuesta, 2007, EUA), *Awakening* (Carina Adly MacKenzie, 2011, EUA), *Les Revenants* (Fabrice Gobert, 2012, França), *In the Flesh* (Johnny Campbell, 2013, Reino Unido), *Resurrection* (Aaron Zelman, 2014, EUA), *The Returned* (Carlton Cuse, 2015, EUA), *iZombie* (Rob Thomas e Diane Ruggiero-Wright, 2015, EUA), *Amorteamo* (Flávia Lacerda e Isabella Teixeira, 2015, Brasil), *Glitch* (Louise Fox e Tony Ayres, 2015, Austrália), *Santa Clarita Diet* (Victor Fresco, 2017, EUA), *Sea Oak* (George Saunders, 2017, EUA) e *Spectros* (Michael Ruman e Douglas Petrie, 2020, Brasil). Já no campo do cinema, é possível ver “zumbis sentimentalizados” em

filmes como *Death Becomes Her* (Robert Zemeckis, 1992, EUA), *My Boyfriend's Back* (Bob Balaban, 1993, EUA), *Crônicas de um zumbi adolescente* (André ZP, 2004, Brasil), "Fido" (Andrew Currie, 2007, Canadá); *Otto; Or Up With Dead People* (Bruce LaBruce, 2008, Alemanha/Canadá); *Camille* (Gregory Mackenzie, 2007, EUA); *Warm Bodies* (Jonathan Levine, 2013, EUA); *Miss Zombie* (Sabu, 2013, Japão); *Life after Beth* (Jeff Baena, 2014, EUA); *Maggie* (Henry Hobson, 2015, EUA); *Swiss Army Man* (Daniel Kwan e Daniel Scheinert, 2016, EUA), *The Girl with all the Gifts* (Colm McCarthy, 2016, EUA), *The Cured* (David Freyne, 2018, EUA), entre outros.

O interessante é que o fenômeno não é de todo recente. Um exemplo que poderíamos chamar de "proto-zumbi sentimentalizado" no audiovisual está no personagem Bub do filme *Dia dos Mortos* (1985), do consagrado George Romero. Tal como os outros mortos-vivos desta obra, Bub também tem o corpo com aspecto putrefato, se alimenta de carne humana e toda a sua caracterização lembra a dos zumbis romereanos. Todavia, Bub é um dos únicos da espécie que se mostra domesticável, com traços de memória de sua vida pregressa e ainda consegue balbuciar uma ou outra palavra (mesmo que elas sejam entremeadas por sons guturais e acompanhadas de seu andar cambaleante, ao estilo dos zumbis tradicionais). Ele é uma possibilidade de leitura de um zumbi humanizado (ou parcialmente humanizado), porque mantém sua existência no plano dos vivos e dos mortos-vivos agindo como um ser que tenta ainda demonstrar resquícios de racionalidade (ou ao menos a possibilidade de condicionamento).

Mas o que nos faz categorizar Bub como um "proto-zumbi sentimentalizado" está justamente na capacidade do personagem em sentir emoções. A cena na qual ele vê Dr. Logan assassinado explicita a sua tristeza e agonia, ou seja, ele demonstra um processo inicial de luto por uma pessoa de extrema importância e muito próxima a ele em sua nova condição de zumbi. Do mesmo modo, sua vingança contra o Capitão Rhodes, responsável pela morte de Dr. Logan, é

mais uma mostra de sua faceta sentimentalizada: ele persegue o capitão e o alveja com um revólver várias vezes deixando-o, por fim, ser devorado por uma horda de zumbis famintos. Após atirar, Bub presta o sinal de continência, de forma claramente irônica, rememorando a sua antiga condição na hierarquia militar perante o capitão. Esta necessidade de sair dos meros grunhidos desconexos para a efetividade da troca comunicacional é o que une, no campo ficcional, as zonas de contato entre os vivos e os mortos-vivos, como relembram Davis e Crane (2020). “A necessidade imperativa de se comunicar faz com que monstros [mortos-vivos] e mortais, de maneira incomum, sejam, ambos, receptivos ao diálogo” (Davis e Crane, 2020).

Mais recentemente, com a obra *Os mortos não morrem* (2019), o diretor Jim Jarmusch voltou a trazer ao centro da discussão a figura (agora, satírica) de zumbis que levantam de suas tumbas e atormentam os humanos da pacata cidade de Centerville. Também nessa ideia de condicionamento e com pequenos rastros de memória, os zumbis do filme continuam (mesmo depois da primeira morte) a repetir velhos hábitos de sua vida. Os exemplos perfeitos disso são as personagens Coffee Zombie e Mallory O'Brien que, após voltarem à vida como zumbis, só conseguem balbuciar repetidas vezes, respectivamente, as palavras “café” e “chardonnay”. Como apontado, esses exemplos representam uma forma ainda muito incipiente de sentimentalização e racionalização da figura do morto-vivo.

No campo televisivo, observa-se como a minissérie *Incidente em Antares* (Carlos Manga e Paulo José, 1994, Brasil), exibida na Rede Globo, também apresentou exemplos pontuais que seguem o tom da sentimentalização na construção dos personagens. A obra, inspirada no livro homônimo de Érico Veríssimo, mostrava uma greve na cidade fictícia de Antares na qual os coveiros, em busca de melhorias trabalhistas, se negavam a fazer enterros. Insepultos, sete mortos de distintas classes retornam à vida: uma matriarca rica, um sapateiro anarquista, um advogado, um jovem pacifista, um alcóolatra,

um pianista e uma prostituta. No ano seguinte, outro exemplo sazonal no campo televisivo pôde ser visto em *Casa do Terror* (Scott Beck e Bryan Woods, 1995, Brasil). Também na Rede Globo, o programa tentou e fracassou ao abordar a comédia a partir das típicas histórias de terror (isto é, o gênero “terror”). O primeiro episódio intitulado “A vingança de Edmundo” tratava da volta de um desmorto ao plano dos vivos. Acompanhado por um séquito de cadáveres. Edmundo volta para se vingar da antiga esposa Barbarela, do vizinho Tony, dos filhos e de dona Livia, sua ex-sogra.

Todavia, como aponta Caputo (2017), por mais que compartilhem códigos em comum, os zumbis da televisão e do cinema merecem uma análise específica a depender do meio no qual tais seres se localizam. Logo, no campo das séries e minisséries, como ocorre esse processo de sentimentalização dos personagens mortos-vivos?

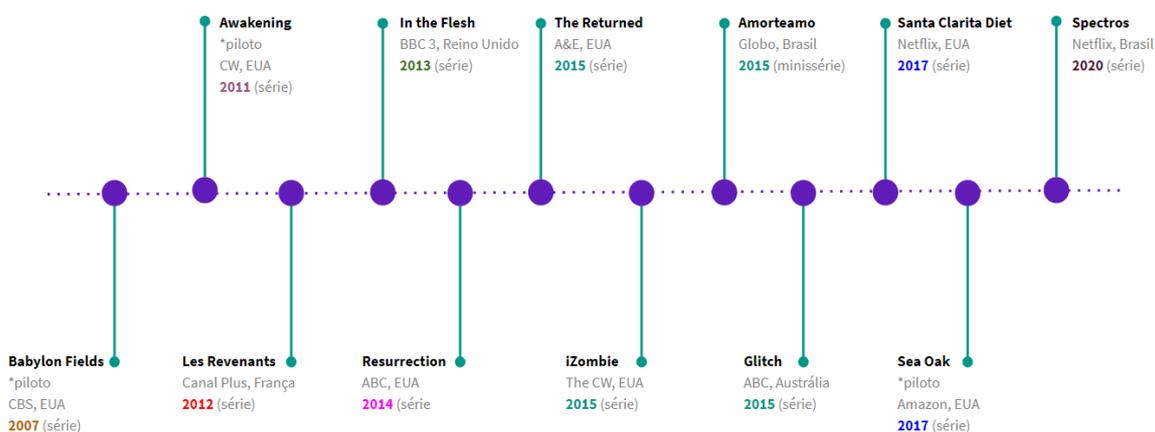
### **O zumbi sentimentalizado na ficção seriada ao redor do mundo ocidental**

As lógicas de produção e oferta da ficção seriada deixam entrever características que demonstram uma crescente hibridização de linguagens, estilos e estéticas na feitura de suas obras. E é justamente por meio de um olhar metodológico que se volta, sobremaneira, à produção e à oferta da emissão televisiva (Casetti e Chio, 1999: 20-21) que a discussão aqui se centra. Nesse sentido, trata-se desde debater os elementos culturais e sociais do *modus faciendi* das obras (em seus múltiplos contextos) até mesmo à análise dos programas (séries e minisséries) como forma de observação do entrecruzamento dialógico de construções possíveis do que se entende por zumbi sentimentalizado.

A figura 1 traz o panorama de obras internacionais que dialogam entre si a partir da tônica dos mortos-vivos sentimentalizados no mundo ocidental. É interessante ressaltar que este levantamento cronológico pode continuar em

outras pesquisas e, logo, possíveis *gaps* poderão aparecer na tentativa de criação de uma linha do tempo de representações do zumbi sentimentalizado em séries e minisséries televisivas. De igual relevância, é preciso informar que a escala não é exatamente proporcional em relação aos anos:

Figura 1 - O zumbi sentimentalizado na ficção seriada ao redor do mundo ocidental



Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

Nesta cronologia, entram *Babylon Fields*, *Awakening* e *Sea Oak* porque temos acesso apenas aos pilotos das séries; todavia, estas obras devem ser listadas com cuidado, já que não são materialidades empíricas com desenrolar narrativo estruturado por meio de uma ou mais temporadas completas (logo, o processo de entendimento da sentimentalização dos personagens mortos-vivos também se mostrará, de alguma maneira, incompleto).

Além disso, podemos colocar o ano de 2012 como um dos marcos (de expansão e não de pioneirismo) da crescente produção de séries trazendo a figura do “zumbi sentimentalizado” como protagonista racionalizado e muito distinto das abordagens de George Romero ou Lucio Fulci no cinema, ou em séries como a mundialmente famosa *The Walking Dead* (Frank Darabont, 2010 -, EUA), por exemplo. Mas é em 2015, como mostra a imagem, que conseguimos perceber o *boom* de ficção audiovisual seriada: quatro obras

tratando do tema estrearam naquele ano (duas nos EUA, uma no Brasil e uma na Austrália) e, finalmente, a segunda temporada de *Les Revenants* foi levada ao ar em 2015 - depois de três anos desde sua estreia na França.

Vale notar que, com culturas e televisualizações muito peculiares, cada obra registra a sua forma de representação do zumbi sentimentalizado aliada a um contexto específico. Assim, não se pode perder de vista, por exemplo, a forma de produção atrelada às condições estruturais daquele mercado audiovisual ou mesmo o quão particular é o campo das relações afetivas na esfera sociopolítica destas produções. Logo, o que se têm nestas séries e minisséries é uma miríade de possibilidades de leitura que, infelizmente, não poderão ser abarcadas em sua totalidade neste espaço. Entretanto, seguindo o objetivo do artigo, é *pela* e *na* sentimentalização que o olhar analítico aqui se volta, com a intenção de discutir como a construção e a relação dos personagens zumbis é permeada por este fenômeno que mobiliza não apenas a reumanização destas figuras, como também lhes proporciona a ressignificação de sua existência, comportamentos e atitudes a partir da esfera amorosa, afetiva, relacional, sensória e emocional.

Dessa forma, o quadro 1 apresenta uma síntese do enredo de cada uma das séries colocadas sob estudo, como forma de demonstrar que os elementos composicionais do zumbi sentimentalizado já estão pressupostos no argumento central de todas estas tramas:

<b><i>Babylon Fields</i> (2007, EUA)</b>	<b><i>Awakening</i> (2011, EUA)</b>	<b><i>Les Revenants</i> (2012-2015, França)</b>
Uma ocorrência misteriosa faz com que os mortos se levantem de seus túmulos. Os mortos-vivos instauram problemas como, por exemplo, a volta de um marido abusador e violento e o retorno de um antigo amor do xerife da pequena cidade.	Na década de 1960 foi descoberto que zumbis viviam entre humanos. Tal fato deu início a uma guerra, da qual os humanos saíram vencedores. Passam-se os anos e a trama, agora, centra-se no amor proibido (e perigoso) entre uma jovem zumbi e um humano.	A série é ambientada em uma pequena cidade francesa, onde mortos-vivos reaparecem sem motivo aparente: retornam uma adolescente vítima de um acidente de ônibus escolar, um noivo suicida, um garotinho assassinado por assaltantes e um <i>serial killer</i> .

<p><b><i>In the Flesh</i></b> <b>(2013-2014, Reino Unido)</b> A história se passa três anos após o retorno de zumbis à uma cidade britânica. Os zumbis (portadores da Síndrome de Morte Parcial) são reintegrados à sociedade. Entre os mortos-vivos, o protagonista é um adolescente zumbi e gay que enfrenta preconceitos e traumas.</p>	<p><b><i>Resurrection</i></b> <b>(2014-2015, EUA)</b> A série segue os moradores de uma pequena cidade estadunidense cujas vidas são reviradas quando seus entes queridos retornam do mundo dos mortos. Entre os personagens mortos-vivos está um garoto que morreu afogado e a antiga noiva suicida do pastor local.</p>	<p><b><i>The Returned</i></b> <b>(2015, EUA)</b> A obra é a versão estadunidense adaptada da série <i>Les Revenants</i>. A premissa central mantém-se muito similar entre as duas obras.</p>
<p><b><i>iZombie</i></b> <b>(2015-2019, EUA)</b> A série acompanha uma jovem médica residente (transformada em zumbi depois de uma festa em um barco). Para lidar com sua nova condição, ela consegue um emprego em um necrotério e, ao comer os cérebros, resgata algumas das memórias dos mortos.</p>	<p><b><i>Amorteamo</i></b> <b>(2015, Brasil)</b> A minissérie aborda a história de uma noiva suicida que regressa do mundo dos mortos após ter o túmulo violado pelo ex-noivo. Triângulos amorosos e tramas melodramáticas permeiam a trama fantástica ao apresentar os conflitos entre mortos-vivos e vivos do Recife (PE).</p>	<p><b><i>Glitch</i></b> <b>(2015-, Austrália)</b> A série se passa na cidade fictícia de Yoorana e centra-se em sete pessoas mortas-vivas que retornam de seus túmulos em perfeita saúde, mas sem memória. O motivo do retorno dos ressuscitados é misterioso e a história de todos está conectada de alguma forma.</p>
<p><b><i>Santa Clarita Diet</i></b> <b>(2017-2019, EUA)</b> A trama da série centra-se em uma família típica da classe média que vive nos subúrbios americanos. Quando a esposa se transforma em zumbi e começa a desejar carne humana, toda a estrutura familiar começa a passar por conflitos complexos e cômicos.</p>	<p><b><i>Sea Oak</i></b> <b>(2017, EUA)</b> A obra retrata a história de uma senhora solteirona vagem que apenas trabalha, vive uma vida medíocre e divide a casa com seus sobrinhos. Após ser assassinada em casa, ela retorna de seu túmulo com a personalidade transformada, lasciva e com uma força descomunal.</p>	<p><b><i>Spectros</i></b> <b>(2020-, Brasil)</b> A série centra-se nas aventuras de cinco adolescentes em uma misteriosa volta de mortos-vivos ao bairro da Liberdade (São Paulo). A obra aborda discussões sociais e culturais brasileiras (sobre os imigrantes japoneses, os negros escravizados e os indígenas).</p>

Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).

### Elementos composicionais da sentimentalização dos zumbis: uma tipologia

A tipologia deste tipo específico de morto-vivo sentimentalizado é uma tarefa em devir, uma atividade que nunca estará completa e coesa o bastante para se findar. O motivo disso reside em três questões: a) para além de ser necessário várias assistências às obras citadas na tentativa de revisar continuamente a tipologia, b) é preciso que ocorram, detalhadamente, análises de elemento por elemento da composição dos personagens por toda a narrativa (para assinalar a frequência, a reiteração e a recorrência destes elementos), e, finalmente, c)

há a necessidade de atualização constante quando da estreia de obras que possam vir a compartilhar deste mesmo espectro panorâmico aqui apresentado.

Com igual importância, é preciso ressaltar que a fonte de inspiração para perscrutar empiricamente esta tipologia (ainda não materializada em procedimento metodológico *per se*) encontra guarida na narratologia (pós-clássica) voltada precisamente aos estudos de séries televisivas como dispõem Allrath, Gymnich e Surkamp (2005). Logo, modelar analiticamente as séries televisivas pelo viés da narratologia é atentar-se para a peculiaridade<sup>2</sup> do meio e da emissão televisiva. Isto é: “[...] as técnicas formais empregadas em séries de TV são, portanto, consideradas não apenas características estruturais, mas, também, modos narrativos que produzem sentido” (Allrath, Gymnich e Surkamp, 2005: 3).

Assim, o quadro 2 tenta resumir a identificação dos elementos composicionais da figura do morto-vivo sentimentalizado em doze obras de distintos países entendidos, neste trabalho, como oriundos da cultura ocidental. Este quadro mostra os elementos de relação que promovem um possível diálogo nas séries e minisséries que têm no morto-vivo sentimentalizado o seu ponto de ancoragem (sendo a marcação “X” o ponto de consenso entre elas). Aos dados que não são encontrados (seja porque a obra ficcional está em andamento ou porque se trata apenas de um piloto de série cancelada), usa-se o símbolo “?” para alertar sobre a imprecisão da informação e, enfim, faz-se uso do símbolo “—” para demonstrar pontos em comum não encontrados entre as obras (ou seja, pontos de dissenso):

---

<sup>2</sup> Exemplos: indissociabilidade das dimensões visuais e sonoras; os agenciamentos narrativos; a estruturação dos *plots*; a ausência de uma narrativa enclausurada (posto que é serializada); a presença de ganchos; as convenções, focalizações e desenvolvimentos de personagens; as categorias espaço-temporais presentes nas obras etc. (Allrath, Gymnich e Surkamp, 2005: 2-3).

Quadro 2 – Possibilidades comparativas de diálogo entre as obras que tratam dos mortos-vivos sentimentalizados

ELEMENTOS COMPOSICIONAIS DOS ZUMBIS	BF <sup>3</sup> (2007)	Aw <sup>4</sup> (2011)	LR <sup>5</sup> (2012)	ItF <sup>6</sup> (2013)	Re <sup>7</sup> (2014)	TR <sup>8</sup> (2015)	iZ <sup>9</sup> (2015)	Am <sup>10</sup> (2015)	GI <sup>11</sup> (2015)	SCD <sup>12</sup> (2017)	SO <sup>13</sup> (2017)	Sp <sup>14</sup> (2020)
Sentimentalização (racionalização)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Memórias do passado (do período pré-morte)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Relacionamentos familiares conturbados	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Relacionamentos amorosos conflituosos	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	—	—
Preconceito/Discriminação contra zumbis	X	X	X	X	X	X	—	—	—	—	?	—
Preconceito/Discriminação (outros temas sociais)	—	?	?	X	X	—	?	—	X	?	X	X
Caracterização não tradicional de zumbi	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Caracterização tradicional de zumbi	—	X	?	X	—	—	X	—	—	—	?	X
Causa conhecida do processo de zumbificação	?	?	—	—	—	—	X	—	—	—	?	X
Causa desconhecida do processo de zumbificação	?	?	X	X	X	X	X	X	X	X	X	—
O processo de zumbificação pode ser contido	—	X	—	X	—	—	X	—	?	?	?	X
Alimentação (por carne humana)	—	X	X	—	—	—	X	—	—	X	?	—
Alimentação (por comida/bebida normal)	X	—	X	—	X	X	X	X	X	—	?	X
Não se alimentam/bebem de forma alguma	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	?	—
Local da trama (cidade pequena/ em desenvolvimento)	X	?	X	X	X	X	—	X	X	X	X	—
Personagens zumbis não podem sair da cidade	—	?	X	—	—	X	—	—	X	—	?	?
Contágio ocorre via mordida ou por outro meio	—	X	—	X	X	X	X	—	—	X	?	—
Causa da morte dos zumbis (natural/doença)	X	?	X	X	X	X	—	—	X	—	—	—
Causa da morte dos zumbis (assassinato)	X	?	X	X	X	X	—	X	X	—	X	X
Causa da morte dos zumbis (acidente)	—	?	X	—	—	X	—	—	X	—	—	?
Causa da morte dos zumbis (suicídio)	?	?	X	X	X	X	—	X	?	—	—	?
Causa da morte dos zumbis (mordida de zumbis)	—	?	—	X	—	—	X	—	—	X	—	—
Causa da morte dos zumbis (drogas)	—	?	—	—	—	—	X	—	—	—	—	X
Causa da morte dos zumbis (desconhecida)	X	X	X	X	—	X	X	X	X	X	—	X

Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).

<sup>3</sup> “**Babylon Fields**” (série). Duração aprox. por ep.: 40 min. Total de temp.: não houve sequer uma temporada. Total de ep./cap.: 1 (apenas o piloto). EUA: CBS, 2007/NBC, 2013.

<sup>4</sup> “**Awakening**” (série). Duração aprox. por ep.: ?. Total de temp.: não houve sequer uma temporada. Total de ep./cap.: 1 (apenas o piloto). EUA: CW, 2011.

<sup>5</sup> “**Les Revenants**” (série). Duração aprox. por ep.: 50 min. Total de temp.: 2. Total de ep./cap.: 16 (8/1; 8/2). França: Canal Plus, 2012-2015

<sup>6</sup> “**In the Flesh**” (série). Duração aprox. por ep.: 50 min. Total de temp.: 2. Total de ep./cap.: Reino Unido: BBC3, 2013-2014

<sup>7</sup> “**Resurrection**” (série). Duração aprox. por ep.: 45 min. Total de temp.: 2. Total de ep./cap.: EUA: ABC, 2014-2015

<sup>8</sup> “**The Returned**” (série). Duração aprox. por ep.: 45 min. Total de temp.: 1. Total de ep./cap.: 10. EUA: A&E, 2015.

<sup>9</sup> “**Zombie**” (série). Duração aprox. por ep.: 40 min. Total de temp.: 2. Total de ep./cap.: 32 (13/1; 19/2). EUA: The CW, 2015-2019.

<sup>10</sup> “**Amorteamo**” (minissérie). Duração aprox. por ep.: 40 min. Total de temp.: 1. Total de ep./cap.: 5. Brasil: Rede Globo, 2015.

<sup>11</sup> “**Glitch**” (série). Duração aprox. por ep.: 55 min. Total de temp.: 1. Total de ep./cap.: 6. Austrália: ABC1, 2015-

<sup>12</sup> “**Santa Clarita Diet**” (série). Duração aprox. por ep.: 30 min. Total de temp.: 1. Total de ep./cap.: 10. EUA: Netflix, 2017-2019.

<sup>13</sup> “**Sea Oak**” (série). Duração aprox. por ep.: 40 min. Total de temp.: não houve sequer uma temporada. Total de ep./cap.: 1 (apenas o piloto). EUA: Amazon, 2017.

<sup>14</sup> “**Spectros**” (série). Duração aprox. por ep.: 35/40 min. Total de temp.: 1. Total de ep./cap.: 7. Brasil: Netflix, 2020 –.

Um dos primeiros elementos composicionais do morto-vivo sentimentalizado nas séries e sua relação com a possibilidade de diálogo entre as obras são os relacionamentos familiares e amorosos malsucedidos. Os relacionamentos conflituosos são o ponto de tensão a partir dos quais desenrolam as tramas de todas estas doze produções ao trazerem, paralelamente, as questões da culpa e do acerto de contas das relações pré-morte. Além disso, a romantização das relações entre vivos e mortos-vivos que o tempo não apaga é um ponto de sentimentalização que realça os conflitos amorosos vividos pelos protagonistas e antagonistas de todas as obras. Enquanto em *Les Revenants* a dramaticidade das relações amorosas é levada para um tom mais sério e de reflexão da vida e da morte, em *Santa Clarita Diet*, por exemplo, o humor é a chave de leitura das relações maritais e dos papéis sociais e de gênero.

Ainda sobre este tópico, vê-se que em *Resurrection* a sentimentalização ocorre, exemplarmente, na dura aceitação do personagem Henry em ver Jacob (a criança morta-viva) como seu filho ou na complicada relação que se instaura entre o Pastor Tom, casado com Janine, e sua antiga noiva Rachael, uma jovem suicida que volta à vida e, em sua nova condição sobrenatural, ainda fica grávida deste mesmo pastor. Por outro caminho, as relações conflituosas entre desejo e abjeção no processo de sentimentalização também acometem o desenrolar narrativo de *iZombie*. Ilustrações disso são as questões de sentimentalização que perpassam a vida íntima, com a família estranhando a forma como Liv, a protagonista, leva a vida de maneira misteriosa e a mãe – uma administradora do hospital extremamente dominadora— que não vê com bons olhos o momento no qual a filha interrompe seu noivado destruindo o sonho materno de vê-la casada. Justamente no campo dos relacionamentos pessoais, Liv também passa por situações difíceis com antigos namorados e os atuais namorados zumbis.

A questão das memórias do passado (construídas em vida e retomadas na condição *post mortem* das personagens) faz parte da complexa teia de

sentidos envolta nos processos de sentimentalização dos personagens e, ao mesmo tempo, evoca o ominoso presente neste tipo peculiar de zumbi. Como afirma García Martínez (2016b: 21): “Esta domesticação do espantoso se mostra [...] como um veículo terapêutico para a superação do trauma, a convivência com a dor, o alívio da pena ou a pergunta sobre a própria identidade”. Olhar o campo da memória também oportuniza visualizar os sentimentos de culpa como uma característica frequente da composição destes personagens – tanto ao lidar com suas constantes crises das identidades (em não se enquadrar no meio social), quanto nos momentos de tensão das relações familiares abaladas. Exemplo disso é a sede de vingança e de tentar compensar o tempo perdido que faz com que a personagem morta-viva Bernie, em *Sea Oak*, comece a impor uma série de exigências ao que restou de sua família e, assim, a memória da culpa encaminha a metamorfose de uma nova personalidade mais forte, lasciva e irônica da protagonista.

Outro elemento composicional que corresponde a um possível diálogo entre as obras está na ambientação das narrativas, ou seja, as histórias são, quase sempre, localizadas em um contexto de cidades pequenas e interioranas ou ainda em desenvolvimento (Roarton em *In The Flesh*; Arcadia em *Resurrection*, Yoorana em *Glitch* etc.). Até mesmo bairros e condomínios mais fechados são utilizados como um locus de enunciação no qual as tramas acabam por se circunscrever mais a estes espaços que ao mundo exterior a eles (como é o caso do condomínio rico de *Santa Clarita Diet* e do condomínio pobre em *Sea Oak*). Esse quase cerceamento dos espaços nos quais se desenvolve o enredo é, inclusive, literalmente exemplificado pela impossibilidade de alguns personagens (vivos e mortos-vivos) saírem dos limites destas cidades (por motivos, igualmente, misteriosos). Como parte do cotidiano da cidade pequena, ainda vale ressaltar que todos os cidadãos se conhecem, as vidas de todos se cruzam (de modo intencional ou não) e, conseqüentemente, as ações da trama atingem personagens que geram impacto em mais de um núcleo dramático de forma significativa para a movimentação da história. Um dos motivos para isso

é que a individualização dos personagens é mais clara nestes espaços em contraposição à massificação das metrópoles, ou seja, a humanização deste ser que transita entre dois mundos é uma das características mais explícita nas ficções seriadas citadas em comparação com a horda de zumbis irracionais de outras obras. A Recife de *Amorteamo* encaixa-se nessas definições já que, à época na qual se passa a história, o que se vê é uma cidade ainda em desenvolvimento e nada cosmopolita. Por sua vez, apenas *iZombie* e *Spectros* fogem à regra trazendo a ambientação em Seattle (EUA) e em São Paulo (Brasil).

Já a causa da morte por meio do suicídio é entendida como outra característica representacional reiteradamente presente na composição deste tipo de morto-vivo. O suicídio de personagens importantes como forma de dar fim à vida, às angústias e aos problemas tidos como insolúveis produz um possível diálogo entre as obras. Esta constatação está alinhada à análise empreendida por Martínez Lucena (2012: 65-132) quando o autor apresenta justamente o suicídio (além de elementos como a depressão e a melancolia) como uma característica contundente na relação entre a representação dos mortos-vivos e os problemas e as situações que vivenciamos cotidianamente nas sociedades contemporâneas. O exemplo mais bem delineado disso acontece com Kieren, o protagonista de *In the Flesh*, um dos milhares de indivíduos afetados pela Síndrome de Morte Parcial (SMP). O personagem suicida-se após se dar conta que o jovem Ricky, amor proibido de sua vida (e também amigo de infância), vai à guerra e acaba falecendo. Neste contexto, o suicídio também é o ponto que liga o mundo dos vivos ao dos mortos-vivos pelo desespero e pela vã tentativa de apaziguamento das dores físicas e mentais:

Até mesmo a opção pelo suicídio [tomada pelos vivos que voltam como zumbis/mortos-vivos] mostra-se inválida porque a morte, no lugar de garantir a paz e o descanso definitivo dos que acabam de falecer, desemboca em um novo início, em uma volta a um começo extremamente inquietante ou diretamente

aterrorizante (Jáuregui Ezquibela, 2014: 143).

É ainda evidente que a depressão e o suicídio do noivo Simon (no dia do seu casamento com a personagem Adèle) são chaves de leitura da sentimentalização em *Les Revenants*. O relacionamento pré-morte dos dois jovens é o que os liga, mesmo depois de tanto tempo (as memórias que o perseguem, somadas à culpa, parecem ser o combustível de sua obsessão pela amada). Adèle, por sua vez, vive no espaço do “entre-fronteiras” por ainda se ver apaixonada pelo antigo parceiro, sendo mãe de uma filha deste relacionamento e vendo-se na urgência de seguir a vida. Estes elementos de tensão levam a personagem a cometer uma tentativa de suicídio (como forma de dar cabo aos problemas e, simultaneamente, sair do limiar que a separa de Simon e tornar-se igual a ele). Destaca-se, contudo, que nas séries citadas, apenas cinco obras não dialogam precisamente com este ponto do suicídio como elemento contundente nas narrativas, a saber: *Babylon Fields*<sup>3</sup>; *Awakening*, *Glitch*<sup>4</sup>, *Sea Oak* e *Santa Clarita Diet*.

Por outra via, as maneiras pelas quais as caracterizações dos zumbis sentimentalizados são colocadas em cena reverberam a indiscutível relevância desse elemento visual para a construção do afeto e da empatia por estes seres. Percebe-se que o estranhamento na relação entre o morto-vivo como um ser familiar e conhecido dos vivos não alcança o extremo da estranheza tal qual os cadáveres e os zumbis (tradicionalmente representados em ficções como as de George Romero) sempre são lidos pelos vivos. O caso dos personagens de *Les Revenants*, *Resurrection* e *Glitch*, por exemplo, denotam como a aparência e o figurino dos mortos-vivos não tornam possível uma

---

<sup>3</sup> Todavia, a obra deixa um subtexto ainda em aberto na fala de uma personagem policial — o novo *affair* do xerife — sobre a morte da esposa deste mesmo xerife, indicando que esta [a esposa] se matou, dizendo: “Você [dirigindo-se ao xerife] sabe o que ela fez a si mesmo, não sabe?”.

<sup>4</sup> Esta obra também deixa entrever que a morte do jovem personagem que lutou na Primeira Guerra Mundial foi causada pelo suicídio, especialmente porque ele perde o rapaz que amava em segredo e ainda teve que viver, sendo um gay não assumido, numa sociedade homofóbica nos anos de 1920. A série ainda está em andamento.

comparação próxima ao asco e medo produzidos pelos zumbis à *la* Romero. Há, contudo, variações importantes na forma de caracterização dessas figuras, como por exemplo os mortos-vivos de *Spectros*: eles transitam, a depender dos episódios e do fio narrativo direcionador daquele episódio, por entre um morto-vivo com caracterização sentimentalizada (com memória, fala concatenada de ideias, roupas e peles sem aspectos de podridão ou decomposição) a um morto-vivo mais tradicional (com o andar cambaleante, sem raciocínio próprio, com a capacidade de apenas repetir frases desconexas etc.). Algo próximo ocorre no piloto de *Awakening*, ao colocar a representação do zumbi também de maneira ambivalente: ora eles são “domesticados” e possuem uma espécie de “passabilidade” humana (sem nenhuma referência física de sua condição de mortos-vivos), ora eles ganham aspectos funestos e tétricos com olhos esbugalhados, ânsia pela carne humana e, em resumo, transformam-se em completas monstruosidades.

Nota-se ainda como algumas das obras discutidas aqui possuem suas próprias peculiaridades no *modus faciendi* de representar os mortos-vivos sentimentalizados. A minissérie *Amorteamo*, por exemplo, tem —pela melodramaticidade, carnavalização e fantástico presentes em sua trama —os terrenos mais profícuos, dentre todas as ficções discutidas, para o surgimento dos processos de sentimentalização atrelados à composição destes mortos-vivos (Silva, 2020). A título de exemplificação, podemos ver que, quando o personagem Chico, um jovem amante assassinado, volta à vida, ele mostra-se bem diferente do usual: para além do desejo explícito de vingança contra Aragão, seu assassino, e o desejo de retomar o amor por Arlinda, o personagem aparenta (fisicamente e em suas atitudes) tendências ligadas aos distúrbios mentais (pelas gargalhadas sem contextos de comicidade, pelos olhos esbugalhados, por um sadismo descontrolado etc.). Outra demonstração de sentimentalização está na figura do personagem Jeremias, irmão de Manoel e primeiro marido de Cândida (donos do bar mais agitado da cidade). Ao regressar do cemitério para casa, Jeremias tenta reaver o bar e a antiga

esposa, criando um impasse romântico típico do melodrama latino-americano em situações regidas pelos trejeitos engraçados em relação à sua inesperada volta. Para termos outro paralelo, a sentimentalização ocorre também pelo pessimismo e soturnez da personagem da noiva-cadáver Malvina (abandonada pela mãe e, também por isso, uma figura hipersensível antes e depois do *post mortem*) que é, na diegese da trama, o elemento disparador da volta dos mortos-vivos à cidade do Recife.

Finalmente, as condições que permitem a metaforização da discriminação por meio da representação dos zumbis podem ser observadas, de maneira límpida, na dupla articulação da intolerância contra os personagens gays e mortos-vivos de *In The Flesh*, como aponta Coutinho (2016). Há uma forte crítica às noções contemporâneas de “castas” que são preenchidas por minorias tidas tacitamente como “sub-cidadãs”. Mesmo o uso da maquiagem como parte de disfarce dos zumbis que vivem com os vivos em *In The Flesh* lembra, ainda, o debate oportuno da crise com o próprio corpo e a autoestima em relação aos padrões de beleza (dificilmente alcançados) que são impostos aos jovens pela moda, pela comunicação midiática, por um estilo de vida hedonístico e, às vezes, bem descolado da realidade de muitos. Em síntese, o “aparentar ser” em vez de somente “ser”.

Pensar a alimentação destes personagens é, ainda, uma forma de demonstrar a metaforização da exclusão provocada pela incompreensão da condição de existência dos mortos-vivos (já que não existe uma “escolha” de se tornar ou não um morto-vivo). Por isso, neste cenário, a alimentação é um dado importante na composição desses personagens e de suas inter-relações nos *plots* nos quais atuam. Exemplos disso: ao contrário dos insaciáveis e glutões mortos-vivos sentimentalizados de *Les Revenants*, os zumbis de *In The Flesh* não sentem fome, mas sentam-se à mesa para comer e beber em uma tentativa de se reincluir ao círculo da família e dos amigos (mesmo que depois eles sofram seriamente, já que comer e beber causam vômitos nos

personagens zumbis). Na esteira desse pensamento discriminatório, nestas obras os religiosos (em especial os chamados “conservadores”) promovem muitas formas de discriminação em relação ao novos mortos-vivos que começam a chegar àquelas cidades (como se pode ver ainda em *In The Flesh* e, igualmente, em *Resurrection*). Em *Resurrection*, como um aspecto muito ligado ao contexto social estadunidense, a religião, como em toda sociedade de cunho democrático, direciona em muitos aspectos a partidarização e o comportamento eleitoral dos cidadãos dos EUA (e isso fica claro na forma como as autoridades e a população local tomam suas decisões — como a criação de guetos para os zumbis da série).

### **Considerações finais**

Para entender como são possíveis os diálogos entre séries e minisséries de países tão diferentes e tomando como ponto de partida a sentimentalização dos zumbis presentes em suas tramas, é fundamental compreender, antes de tudo, que as lógicas de produção e oferta que aliam o local ao global são influenciadas (principalmente) por modelos de mercado onde a exportação é pensada desde a pré-produção à edição final de uma série. E seu objetivo último, claro, tem em vista as melhores condições pelas quais a obra será vendida a um público de hábitos e culturas distintas do país criador da produção. Nesse sentido, o caso do zumbi sentimentalizado, como o tipo de personagem que atravessa todas as obras discutidas aqui, diferencia-se do “convencional” por muitos aspectos, como o quadro 2 visualmente sintetizou.

Na aparência física, é clara a distinção pela caracterização e figurino, por exemplo, quando o morto-vivo do tipo sentimental é mostrado como um ser humano “normal”, com roupas comuns, com família “normal” e (muitas vezes) com o rosto e o corpo sem o tradicional excesso de putrefação dos zumbis que se arrastam das covas e cemitérios para atacar pessoas indefesas. Há, entretanto, como em todas as séries, elementos que os apresentam como este

ser híbrido que vive entre a vida e a morte, como, por exemplo, a palidez da pele, algumas marcas que ficaram dos momentos pré-morte, entre outros.

Em termos gerais, conclui-se que a composição dos zumbis sentimentalizados apresenta relações afetivas e sentimentais como os pontos principais que norteiam suas ações nas histórias. A consciência dos sujeitos que reconhecem viver no limiar do “entre-fronteiras” contrasta com a irracionalidade e voracidade dos zumbis mais tradicionais representados em filmes, séries, *graphic novels* etc. A individualização dos sujeitos — oposta à massificação dos desmorts *à la* Romero, por exemplo — ganha espaço e traz a alteridade e os conflitos (amorosos, familiares, geracionais) ao palco principal dos dissabores vividos na vida e na morte pelos personagens. As memórias do “além-vida” ainda permanecem nestes zumbis como forma de uma herança que sobrevive junto ao morto-vivo sentimentalizado. É interessante notar que as angústias humanas (ântumas e póstumias) permeiam todas as narrativas discutidas aqui. O que demonstra bem como o “giro afetivo” e a “cultura emocional” das séries são, de fato, os eixos sustentadores da sentimentalização desse tipo *sui generis* de zumbi presente na ficção serial.

Por fim, no campo teórico-metodológico, o artigo tentou demonstrar a necessidade de se aliarem as perspectivas transdisciplinares dos *Zombie Studies* ao campo dos Estudos Televisivos (e, por extensão, aos Estudos Fílmicos). Em outras palavras, para além do arcabouço ferramental analítico já muito bem trabalhado nos estudos voltados à audiovisualidade, os *Zombie Studies* trazem complementarmente olhares empíricos que podem permear a materialidade ficcional pelo viés da antropologia, da sociologia, da psicologia, da filosofia etc. Ou seja, como tentativa de postular uma análise conjuntural que abarque toda a complexidade de uma obra seriada, aliar os *Zombie Studies* aos Estudos Televisivos mostra-se como uma aventura muito proveitosa ao permitir que não sejam feitas análises ora extremamente “formalistas” (no sentido de dissecar todas as estratégias de construção

narrativa e discursiva de uma série e esquecer-se, ao fim, dos aspectos políticos e culturalmente representativos dela, por exemplo), ora “psico-sociologizantes” demais (no sentido de abordar todas as questões envoltas nas representações de gênero, classe, raça e deficiência da trama, mas, por fim, ignorar ou omitir as características estilísticas e estéticas da obra ficcional em questão).

### Referências bibliográficas

- Acchiardo, Charity-Joy R. e Michelle A. Vachris (orgs.). (2018) *Dystopia and Economics: A Guide to Surviving Everything from the Apocalypse to Zombies*. New York: Routledge.
- Allrath, Gaby; Gymnich, Marion e Carola Surkamp (2005). “Introduction: Towards a Narratology of TV Series” em Allrath, Gaby e Marion Gymnich (orgs.), *Narrative Strategies in Television Series*. New York: Palgrave Macmillan.
- Bishop, Kyle W. (org.). (2010) *American Zombie Gothic: The Rise and Fall (and Rise) of the Walking Dead in Popular Culture*. Jefferson: McFarland & Company.
- \_\_\_\_ (2015). *How Zombies Conquered Popular Culture: The Multifarious Walking Dead in the 21st Century*. Jefferson: McFarland & Company.
- Barra, Luca e Massimo Scaglioni (2015). *Zombie d'oltremarica. I non morti nell'immaginario britannico contemporaneo*. Milão: Centro di Ricerca sulla Televisione e gli Audiovisivi (Ce.R.T.A.), Università Cattolica del Sacro Cuore.
- Caputo, Marcello G. (2017). *Zombies on the small screen*. Hackensack: Babelcube Inc.
- Carreiro, Rodrigo (2014). “Zumbis no cinema brasileiro: uma abordagem paracinemática” em *Rumores*, v. 8, n. 16, dezembro. São Paulo: USP. Disponível em: [encurtador.com.br/bjrNV](http://encurtador.com.br/bjrNV) (Acesso em: 23 de fevereiro de 2020).
- Casetti, Francesco e Federico Di Chio (1999). *Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y prácticas de investigación*. Paidós: Barcelona.
- Castillo, David R. et al. (2016). *Zombie Talks: culture, history, politics*. London: Palgrave Macmillan.
- Clough, Patricia T. e Jean Halley (orgs.) (2007). *The Affective Turn: Theorizing the Social*. Durham: Duke University Press.
- Coulombe, Maxime (2015). *Petite philosophie du zombie: Ou comment penser par l'horreur*. Paris: Presses universitaires de France.
- Coutinho, Ricardo S. (2016). *Signos linguísticos e imagéticos da intolerância nos zumbis da série In The Flesh*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás.

- Davis, Christine S. e Jonathan L. Crane (2020). *End of Life Communication: Stories from the Dead Zone*. New York and London: Routledge.
- Davis, Wade (1988). *Passage of Darkness: The Ethnobiology of the Haitian Zombie*. Chapel Hill and London: University of North Carolina Press.
- Dendle, Peter (2001). *The zombie movie encyclopedia*. Jefferson: McFarland & Co.
- Dion, Nicholas (2014). “De charogne réanimée à séduisante detective: la résiliente humanité du zombie” em *Conserveries mémorielles: Revue transdisciplinaire*, n. 15, maio. Quebec/Paris: Université Laval Québec/ Institut d'Histoire du Temps Présent. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cm/1802> (Acesso em: 12 de fevereiro de 2020).
- García Martínez, Alberto N. e Ana Marta González (2016a). “Emotional Culture and TV Narratives” em García Martínez, Alberto N. (org.), *Emotions in Contemporary TV Series*. New York: Palgrave Macmillan.
- García Martínez, Alberto N. (2016b). “Prozac para zombis: La sentimentalización contemporánea del muerto viviente en la televisión” em *Brumal*, vol. IV, n.º 1. Barcelona: UAB. Disponível em: <https://revistes.uab.cat/brumal/article/view/v4-n1-garcia-martinez> Acesso em: 10 de junho 2020).
- Gomes, Paula (2014). *Terra dos Mortos: os espaços narrativos nos filmes de zumbis*. Dissertação (Mestrado em Imagem e Som) – Universidade Federal de São Carlos.
- Gonzalo, Jorge F. (2011). *Filosofía zombi*. Barcelona: Editorial Anagrama.
- Jáuregui Ezquibela, Íñigo (2014). “La distopía zombi: sintoma, representación y espectáculo” em Fernández Guerrero, Olaya e Alba Milagro Pinto (orgs.), *¿El fin de la razón? I Jornada de Filosofía SOFIRA*. Logroño: Universidad de La Rioja.
- Kee, Chera (2017). *Not your average zombie: rehumanizing the undead from voodoo to zombie walks*. Austin: University of Texas Press.
- Lauro, Sarah J. (2015). *The transatlantic zombie: slavery, rebellion, and living death*. New Jersey: Rutgers University Press.
- Martínez Lucena, Jorge (2012). *Ensayo Z: Una antropología de la carne perecedera*. Córdoba: Editorial Berenice.
- McIntosh, Shawn e Marc Leverette (2008). *Zombie Culture: Autopsies of the Living Dead*. Lanham: The Scarecrow Press.
- Palano, Damiano. (2017). “L’apocalisse della post-modernità: una lettura politico-antropologica dei “morti-viventi” em Marco Damiani (org.), *Rivista di Politica - Il nuovo radicalismo politico: populismi di destra e di sinistra nella crisi della democrazia europea*. Soveria Mannelli: Rubbettino Editori.
- Perron, Bernard; Dominguez Leiva, Antonio e Samuel Archibald (orgs.). (2015). *Z pour Zombies*. Montréal: Les Presses de l’Université de Montréal.

Platts, Todd K. (2013). "Locating zombies in the sociology of popular culture" em *Sociology Compass*, n. 7, julho. Estados Unidos: Wiley Online Library. Disponível em: [encurtador.com.br/uJV27](http://encurtador.com.br/uJV27) (Acesso em: 25 de maio de 2020).

Saint-Gérard, Yves. (1992). *Le phénomène zombi: la présence en Haïti de sujets en état de non-être*. Toulouse: Erès.

Silva, Anderson L. e Alberto N. García Martínez (2017). "Um espectador-pesquisador: Alberto Nahum García Martínez e o estudo acadêmico sobre séries televisivas na Espanha" em *Ação Midiática*, n. 13. Curitiba: UFPR. Disponível em: [encurtador.com.br/ADI46](http://encurtador.com.br/ADI46) (Acesso em: 23 de abril de 2020).

Silva, Anderson L. (2020). *O excesso como simbiose entre melodrama, carnavalização e fantástico: análise das produções de sentido na minissérie Amorteamo*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo.

Souffron, Valérie (2015). "Quand les morts reviennent. Le deuil contrarié des sociétés contemporaines: réflexions à partir du film *Les revenants*" em *Socio-anthropologie*, n. 31, setembro. Paris: Éditions de la Sorbonne. Disponível em: [encurtador.com.br/elqD8](http://encurtador.com.br/elqD8) (Acesso em: 23 de fevereiro de 2020).

Suppia, Alfredo e Lúcio Reis Filho (2013). "Marharhahar ZInamabarn: Breve panorama do cinema de zumbi na América Latina" em *Rumores*, v. 7, n. 13, julho. São Paulo: USP. Disponível em: <http://migre.me/w3NVy> (Acesso em: 11 de março de 2020).

Szanter, Ashley e Jessica K. Richards (2017). *Romancing the Zombie: Essays on the Undead as Significant "Other"*. Jefferson: McFarland and Company.

---

\*Anderson Lopes da Silva é doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM ECA USP). Pesquisador do NEFICS (Núcleo de Estudos em Ficção Seriada e Audiovisualidades), vinculado à UFPR/CNPq, e do GELiDis (Grupo de Pesquisa Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação), vinculado à USP/CNPq. Contato: [anderlopps@gmail.com](mailto:anderlopps@gmail.com)